

Tentativa de 'vender sonhos'

Para analistas, Marina insistiu no discurso da mudança, além de ter dado 'recado' a Aécio de olho em aliança para o 2º turno

O saldo da sabatina do GLOBO foi positivo para Marina Silva (PSB), segundo cientistas políticos. Os especialistas destacaram que a candidata teve "postura presidencial". Para os estudiosos, porém, ela tenta personalizar o clamor das ruas, mas não responde claramente como vai governar sem partidos. A análise revelou também que Marina está desconfortável com os ataques de Aécio Neves (PSDB) e que mandou "recado" ao tucano, para viabilizar aliança para o 2º turno.

— Ela se portou de forma presidencial, alguém que pretende oferecer horizontes. Um candidato tem de ter postura para além de questões menores, que ultrapassem a cozinha. A sabatina não teve tom mesquinho. Para os outros candidatos é muito difícil passar isso, porque Dilma tem uma fadiga de 12 anos de gestão do PT, e Aécio, por outro lado, não conseguiu resgatar isso, ficou muito preso a uma agenda econômica — diz Carlos Pereira, cientista político da FGV.

A capacidade de "vender sonhos", como destaca Pereira, relaciona-se também com a característica da candidata de tentar incorporar o clamor das manifestações. Para o especialista, Marina é a única que pode se apropriar do eleitorado que reivindicou mudanças:

— Marina está tentando ser a representante dessa pauta. Se alguém pode se apropriar desse eleitorado é ela, a Dilma não é. O Aécio também tem tentado, mas, como é muito vinculado ao um partido que já foi governo, não consegue. Alguém que nunca foi governo tende a incorporar isso. A oportunidade está batendo na porta da Marina para ela representar essas pessoas.

O discurso da "nova política" e a defesa de um governo que não se curve a alianças, diz Eurico Figueiredo, diretor do Instituto de Estudos Estratégicos da UFF, ilustram o modo como Marina personaliza sua candidatura. Para ele, ela não soube explicar como governar sem partidos.

— O que a candidata quer dizer é que a nova política é ela, porque ela interpreta o que a sociedade quer. Ela não tem apoio partidário forte, o crescimento dela se deve a ela mesma. O objetivo é se colocar acima dos partidos, das forças políticas que aí estão, e se apresentar como novida-

de. Nos últimos 6 anos ela oscilou entre quatro partidos. Foi daqui para lá sempre buscando o caminho pessoal, e isso pode ter implicações sérias uma vez estando no governo, porque a realidade é feita de partidos — explica o especialista.

Segundo Figueiredo, a presidenciável também não explicou bem a contradição entre seu programa de governo e suas convicções políticas, apesar de passar confiança. Para ele, Marina se esquivou, por exemplo, do tema energético, uma vez que não expressou com clareza como vai conciliar a produção de etanol e de petróleo:

— Sua projeção se fez com a bandeira ambientalista, e ela não foi capaz de dizer como será a exploração do pré-sal e as fontes renováveis. Diz que vai viabilizar o etanol, mas não diz como isso vai acarretar elevação nas tarifas de combustíveis e impactar na produção do petróleo.

Foi consenso o "recado" enviado por Marina a Aécio para viabilizar uma aliança em um possível 2º turno. A candidata criticou os ataques de seu adversário e disse que, embora Aécio diga que a respeita e que acredita em suas boas intenções, essa já é uma forma de desqualificar sua candidatura, já que, em contrapartida, alega que a senadora é inexperiente. A fala, para Carlos Pereira, é uma sinalização da candi-

data ao adversário, mirando na parceria no 2º turno. A expectativa de Marina, segundo ele, era de que Dilma adotasse a postura de desmoralizar sua candidatura e não Aécio:

— Ela demonstrou ressentimento em relação ao Aécio, como se da Dilma ela já esperasse comportamento mais virulento. Foi como se dissesse: "Aécio, não estou feliz com o que você está fazendo, então vamos parar com isso, quero estar junto com você". Cabe ao Aécio entender isso. Muito difícil que o PSDB não apoie a Marina no 2º turno, porque, diferentemente de 2010, o PSDB vai pensar no Brasil, e o que está em jogo é a alternância do poder.

Eurico Figueiredo também não acha que a rivalidade entre os dois no 1º turno chegará ao ponto de colocar em xeque a parceria depois:

— Ela sabe que, se for para o 2º turno, precisa de algo mais do que já tem, e esse algo mais são votos que devem vir dos que apoiam Aécio. ●

Candidata tenta personalizar o clamor das ruas, mas não responde claramente como vai governar sem partidos